

A SUPERSTIÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO¹

Jocimar Daolio

“Tomemos como exemplo um menino azandiano, que, segundo ele próprio, deu ‘uma topada num toco de árvore e ficou com o dedo do pé infeccionado’. O menino diz que foi feitiçaria. ‘Bobagem’, diz Evans-Pritchard, utilizando o senso comum de sua própria tradição, ‘você não teve foi cuidado, tinha que olhar com mais atenção aonde pisa’. ‘Mas eu olhei aonde pisava’, diz o garoto, ‘e se eu não estivesse enfeitado, teria visto o toco. Além do mais, cortes nunca ficam abertos tanto tempo, pelo contrário, fecham logo, pois os cortes são assim por natureza. Mas este infeccionou, então tem que ser feitiçaria’.” (Geertz, 1987, p.118-119)².

Para a análise do fenômeno da superstição no futebol brasileiro, é necessária a compreensão desse esporte como expressão da sociedade, ampliando a visão de modalidade esportiva dotada de certas técnicas e táticas ou apenas como manifestação de lazer. Em outras palavras, só é possível discutir a superstição no futebol brasileiro se o olharmos como fenômeno sócio-cultural, que expressa e reflete a própria condição do ser humano nacional. De fato, numa discussão específica sobre técnicas ou táticas ou sobre preparação física, a consideração da superstição ficaria deslocada, como se fosse uma distorção ou desvio de uma prática esportiva respaldada por preceitos científicos.

Somente com uma abordagem a partir das Ciências Humanas, no nosso caso, especificamente da Antropologia Social, é que se pode compreender o futebol como parte integrante da vida dos brasileiros e brasileiras. Somente a partir desse enfoque é possível compreender melhor o fato de uma prática esportiva originária da Inglaterra, tendo aqui chegado em fins do século XIX, ter se difundido tanto em tão pouco tempo no Brasil. Em outro trabalho, fugindo de explicações biológicas (as vantagens físicas da mistura de raças no país) ou funcionalistas (a facilidade e o baixo custo da prática do futebol), afirmei que

¹ Este trabalho foi apresentado na Jornada Futebol e Psicologia na Universidade São Judas Tadeu, no dia 12 de Maio de 2003. O resumo do trabalho foi publicado nos anais do evento.

² Trata-se de uma passagem em que Clifford Geertz refere-se a um trabalho de Evans-Pritchard sobre a crença em feitiçaria entre os azande.

parece ter havido uma combinação entre os códigos do futebol e o contexto cultural brasileiro.

“(...) o futebol demandaria um estilo de jogo, uma exigência técnica, uma eficácia e uma eficiência, que se adequaram às características culturais do povo brasileiro. Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer aos seus praticantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. Isso explicaria o alto poder simbólico que o futebol foi adquirindo ao longo deste século, passando a representar o homem brasileiro, da mesma forma que o fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval, por exemplo” (Daolio, 2000, p.33).

Vários autores brasileiros têm discutido o futebol brasileiro nessa dimensão sócio-cultural. Roberto DaMatta (1982 e 1994) afirmou que o futebol constitui-se em veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais. Afirmou também que o futebol pode ser visto como *“(...) uma imensa tela onde a experiência humana pode ser vivida e, o que é melhor, recordada e revivida”* (p.14). Afirmou ainda que, nesse sentido, é possível dizer que cada sociedade possui o futebol que merece.

Arno Vogel (1982) discutiu o futebol em relação a determinados comportamentos rituais da sociedade brasileira. Segundo o autor, graças aos rituais a sociedade faz uma representação de si para si mesma. Assim, o futebol serviria como uma espécie de linguagem ritual por meio da qual questões profundas da sociedade seriam expressas. É nesse sentido que o autor discute a derrota da seleção brasileira para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, chamada por ele de A Tragédia do Maracanã. O país teria vivido um intenso luto nacional, lembrado e revivido muitos anos após o fato. Da mesma forma, e em contraste com esse luto de 1950, o país viveu, vinte anos depois, em 1970, grande momento de euforia com a conquista do tricampeonato de futebol no México.

José Sebastião Witter (1982) afirmou que estudar o futebol implica necessariamente estudar o povo brasileiro, porque a história de um se confunde e se entrelaça com a história do outro, ao longo de todo o século XX e até os dias de hoje. Não é possível desvincular, por exemplo, a rápida construção do Maracanã com suas dimensões impressionantes e a realização da Copa do Mundo de 1950 com o governo nacionalista de Getúlio Vargas. Ou a conquista do tricampeonato de futebol no México em 1970 com o período de ditadura militar, marcado por intensa repressão política. Ou a conquista da Copa do Mundo em 1994 pela seleção brasileira com a implantação da nova moeda, o Real, e a eleição presidencial de Fernando Henrique Cardoso.

O futebol brasileiro tem se constituído, ao mesmo tempo, em expressão da sociedade brasileira e em um modelo para ela, espelhando toda a sua dinâmica, com todas as contradições e todas as riquezas nela presentes. Sem dúvida, o futebol constitui-se numa das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores.

Se adotarmos a definição de Eunice Durham (1977) de que a cultura é um processo pelo qual os seres humanos orientam e dão significado às suas ações por meio de manipulações simbólicas, podemos compreender o futebol como dotado de um conjunto de símbolos que expressam a sociedade brasileira. Símbolos que são necessários para a vivência de emoções, desejos, aprendizados, racionalizações. Clifford Geertz (1989) diria que o futebol é parte da teia de significados que os humanos, em sua dinâmica social, vão construindo e constantemente atualizando e revivendo, teia essa que constitui a própria cultura de um povo.

Ora, se o brasileiro traz em sua dinâmica cultural características mágicas, religiosas, supersticiosas, crendices etc. e se o futebol expressa e espelha a cultura, então o futebol também apresenta essas características. É nesse sentido que a superstição será analisada neste trabalho como parte integrante do futebol, não sua característica menor, não como um defeito ou uma distorção, nem um aspecto tradicional a ser modernizado. Acima de tudo, a superstição é aqui tomada como inerente à tradição do futebol, presente em toda sua história, até os

dias de hoje, apesar de todo o desenvolvimento científico que acompanha a prática do futebol atual.

Uma das formas de expressão do povo brasileiro é por meio de crenças e superstições, que fornecem explicações sobrenaturais para problemas que o ser humano não consegue entender ou justificar. Desde seus primórdios no Brasil, o futebol esteve associado a manifestações de cunho supersticioso, como a macumba na década de 1930 (Levine, 1982). Até hoje, as práticas supersticiosas no futebol são freqüentes e podem ser constatadas através da imprensa esportiva, nas manifestações das torcidas nos estádios e no comportamento de jogadores, técnicos e dirigentes. Matthew Shirts (1982) afirma que os fatores sorte/azar perpassam o futebol, apresentando uma visão de mundo em que a ordem se explica através do sobrenatural.

Anatol Rosenfeld, em texto escrito na década de 1950, também descrevia a prática supersticiosa no futebol. Afirmava ele:

“Quando se considera a imensa carga de sentimento que se irradia da torcida para os times, entende-se que eles busquem abrigo em esferas sobrenaturais, para se certificarem da estimulação benévola, num lugar onde tanta coisa depende do ‘acaso’ ou da ‘sorte’ (forças manifestamente míticas) para que ‘caiba’ ao adversário o desfavor de forças demoníacas” (1993, p.103).

O mesmo autor lembra também do sincretismo de práticas, afirmando que os jogadores e torcida alternam orações e peregrinações a igrejas e santos padroeiros com visitas a pais-de-santo e simpatias para facilitar sua performance e prejudicar o adversário (Rosenfeld, 1993).

É importante esclarecer que quando falo de comportamentos ou expressões supersticiosas no futebol brasileiro, não estou excluindo as manifestações religiosas. Parece haver certa tendência no senso comum em considerar algumas expressões como religiosas e outras como supersticiosas, considerando aquelas como dignas de respeito e aceitação e essas últimas como menos valorizadas. Enquanto algumas seriam consideradas uma elevação do espírito em busca de deus, outras seriam manifestação de pessoas inferiores. Isso

expressa claro preconceito em relação a outras formas de crenças em relação à religião católica, tida como dominante. Como se falar de deus fosse expressão religiosa e falar de orixás fosse credice; como se ir à missa fosse correto e ir ao candomblé, errado. Na verdade, quando me remeto à superstição no futebol, refiro-me a qualquer expressão humana que se justifique pela crença. Shirts (1982) afirma:

“Não se pode falar no Brasil em discurso futebolístico sem tratar do aspecto religioso que o envolve. Seria equívoco pensar que isto se resume em orações antes do jogos. Não. Trata-se de um elemento integrante do discurso, ora católico, ora umbandista (...)” (p.95).

De fato, muitos comportamentos humanos, em toda a história, não são justificados por preceitos científicos. Aliás, a ciência é uma construção recente da humanidade e, além disso, não é capaz de explicar todas as reações e comportamentos humanos. Os seres humanos agem de acordo com crenças baseadas em fatos da natureza, em seres superiores, em intuições, em ações que “deram certo” e devem ser repetidas, em busca pela sorte e medo do azar etc.

Marcel Mauss (1974), quando trabalha a definição de “técnica”, afirma que trata-se de uma ação dotada de tradição e eficácia. Essa eficácia inclui, sem dúvida a dimensão da eficiência mecânica própria da técnica, mas não a completa. Utilizando o conceito de eficácia – ainda que na época em que viveu Mauss não pudesse trabalhar profundamente o aspecto simbólico das ações humanas –, o autor afirma que as ações humanas são dotadas de significados e por causa desses significados é que são transmitidas. Ora, uma crença é mantida e transmitida justamente pelo seu significado, nem sempre pelos seus resultados imediatos e funcionais. Um exemplo disso é o uso de velas em cultos, igrejas, em homenagem a santos, em agradecimento por graça alcançada e outros fins similares. Não há e nunca haverá uma associação comprovada cientificamente de que o uso de vela para um santo faz com que o milagre aconteça.

Alguns exemplos dessa expressão podem auxiliar. É interessante observar as manchetes de alguns jornais³ dando ênfase ao caráter supersticioso associado ao futebol. Em que pese, talvez, certos exageros do próprio jornal ou de seus profissionais no sentido de criar notícias ou torná-las sensacionalistas, essas manchetes refletem também o comportamento de técnicos, jogadores e torcidas, torcida que se constitui no próprio público consumidor dos jornais.

“O alvinegro precisa conversar com Deus”⁴ (Folha de São Paulo, 18/12/1994).

“Zagalo, o homem do 13: ele acredita no título, baseado no seu número de sorte”⁵ (2/07/1994).

“Comemoração tem tambor e velas”⁶ (Folha de São Paulo, 10/12/1993).

“Vitória virá com orixás”⁷ (Folha de São Paulo, 12/12/1993).

“Ponte vai à missa antes da estréia”⁸ (Correio Popular, 22/02/1997).

“Silva apela para galho de arruda”⁹ (Correio Popular, 26/11/1996).

“Parreira adere à superstição”¹⁰ (Folha de São Paulo, 12/07/1994).

“Palmeiras impõe clausura mística”¹¹ (Folha de São Paulo, 28/01/1994).

Pode-se constatar por essas manchetes jornalísticas a presença do comportamento supersticioso, mágico ou religioso no futebol brasileiro. Embora

³ Será considerado aqui um levantamento realizado no período de 1993 a 1997, incluindo a realização da Copa do Mundo de Futebol de 1994, no qual o Brasil viria a se sagrar tetracampeão mundial.

⁴ Texto de Matinas Suzuki Jr. referindo-se ao Corinthians que enfrentaria o Palmeiras na final do Campeonato Brasileiro de 1994.

⁵ Texto de Mariella Lazaretti referindo-se ao Coordenador da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994 pouco antes da final da Copa do Mundo, na qual o Brasil se sagraria tetracampeão.

⁶ Texto de Sérgio Torres referindo-se à comemoração do time e dos torcedores do Vitória pela classificação à final do Campeonato Brasileiro de 1993 após um empate com o Flamengo no Maracanã.

⁷ Texto do ex-jogador baiano Bobô antes da primeira partida das finais do Campeonato Brasileiro de 1993 em que se defrontaram Vitória e Palmeiras, sagrando-se campeão o time paulista.

⁸ Texto de Paulo Santana comentando o ritual dos jogadores da Ponte Preta antes da estréia da equipe no Campeonato Paulista de 1997.

⁹ Texto de Ivan Lopes referindo-se ao técnico Carlos Alberto Silva, do Guarani, pelo fato do time estar desfalcado de vários titulares para as quartas de final do Campeonato Brasileiro de 1996.

¹⁰ Referência ao técnico da seleção brasileira pouco antes da final da Copa do Mundo de 1994.

¹¹ Texto de Ubiratan Brasil referindo-se à exigência do técnico palmeirense Wanderley Luxemburgo de concentrar a equipe antes do início da temporada de 1994.

não seja sempre assumida publicamente, principalmente pelos dirigentes de clubes e pelos técnicos das equipes, é uma prática que acompanha a história e a tradição do futebol brasileiro.

Dois fatos marcantes ocorridos no mundo do futebol podem exemplificar a força e a tradição da dimensão supersticiosa, ambos amplamente divulgados por jornais brasileiros da época. O primeiro deles ocorreu por ocasião das eliminatórias para a Copa do Mundo de Futebol de 1994. Em 1993, nas vésperas do jogo decisivo contra o Uruguai, que definiria uma vaga para a Copa do Mundo no ano seguinte, o ex-goleiro Barbosa, a convite de um jornal, foi visitar a seleção brasileira na concentração. Barbosa foi o goleiro da seleção brasileira na famosa final da Copa do Mundo de 1950, realizada em pleno Maracanã, e que teria, juntamente com outros jogadores, falhado na final em que o Brasil perdeu o jogo por 2 a 1 e a chance de se sagrar pela primeira vez, em território próprio, campeão mundial de futebol. A derrota em casa para o tradicional rival da seleção brasileira gerou uma série de críticas ao caráter do jogador nacional, à sua falta de brio, gerando estigmas em todos os jogadores daquela seleção. O fato é que em 1993, 43 anos após o ocorrido, o goleiro Barbosa, um senhor com mais de 70 anos, foi barrado na concentração da seleção brasileira sob o pretexto de que poderia dar azar ao time. Na edição do dia 16/09/1993, o jornal O Estado de São Paulo apresentava reportagem sob o título “Seleção não vê o fantasma de 50”, na qual os jogadores e o técnico Carlos Alberto Parreira achavam ridícula a comparação entre aquela partida decisiva das Eliminatórias com a final da Copa do Mundo de 1950. O mais interessante é que na edição do mesmo jornal de 17/09/1993, havia outra reportagem intitulada “Barbosa barrado na concentração”, na qual, segundo o jornal, o técnico Parreira havia proibido o contato do ex-goleiro com qualquer jogador, principalmente com o goleiro Taffarel. Segundo o jornal, enquanto Barbosa, conformado, achava melhor não conversar com nenhum jogador, para não ser novamente chamado de “pé frio” em caso de derrota, Taffarel mostrava-se aliviado ao ser poupado do encontro.

Outro fato interessante e digno de destaque nessa discussão da superstição no futebol ocorreu em Campinas no Estádio Moisés Lucarelli, da

tradicional equipe Associação Atlética Ponte Preta. Moisés Lucarelli foi um empresário campineiro que tornou-se patrono do estádio por presidir a comissão de obras responsável pela construção do mesmo, concluído em 1960. Foi homenageado pela diretoria da Ponte Preta com um busto na entrada do estádio, de frente para os portões e de costas para o campo de futebol. Ao longo dos anos, sempre que a equipe da Ponte Preta passava por momentos de instabilidade nos campeonatos de que participava, houve vários movimentos de torcedores reivindicando que o busto do patrono ficasse de frente para o campo, pois estaria dando azar ao time. O raciocínio era claro e preciso: como uma pessoa tão ilustre poderia ficar de costas para o jogo da gloriosa equipe da Ponte Preta! Em 1996, finalmente a diretoria atendeu ao apelo dos torcedores e virou o busto do Moisés Lucarelli de frente para o campo de jogo. O mais interessante do episódio foi a declaração do então presidente da Ponte Preta, negando qualquer relação da atitude da diretoria com ceticismo, superstição, sorte ou azar.

Em pesquisa realizada em 1993 procurei investigar se jogadores de futebol profissional lançam mão de práticas supersticiosas e como praticam tais rituais. Quando perguntados se eram supersticiosos, todos negaram veementemente. Entretanto, no decorrer das entrevistas, todos reconheceram algum tipo de prática preparatória para os jogos, tais como, repetir gestos e trajes que proporcionaram sucesso no passado, colocar um dente de alho na meia, levar nos jogos um galho de arruda, entrar em campo com o pé direito ou, simplesmente, rezar, coletiva ou individualmente. O que se pôde concluir foi que reconhecer a superstição foi mais difícil do que relatar práticas supersticiosas, como se os jogadores não incluíssem tais práticas no conjunto de superstições, talvez por temor de serem considerados atrasados ou ignorantes. Outra conclusão possível foi que os jogadores não consideram como prática supersticiosa as manifestações de reza e demais comportamentos próprios da religião católica (Daolio & Zoppi, 1993).

Não se deve concluir com esses exemplos que o futebol gera ou estimula o pensamento supersticioso, mas apenas que ele expressa uma determinada visão de mundo da população brasileira, visão esta que busca explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis. Alie-se a isso o fato do futebol ser uma

modalidade esportiva das mais imprevisíveis em termos de resultado, tornando possível, por exemplo, um time inferior tecnicamente superar outro de qualidade superiora. Algumas características do futebol tornam esse jogo extremamente imprevisível. As extensas dimensões do campo levam a placares finais reduzidos, uma vez que a consecução do ponto é das mais difíceis, diferentemente de outras modalidades tais como o basquetebol, o handebol, o pólo aquático, o voleibol etc. Com resultados baixos, torna-se possível, por exemplo, uma equipe tecnicamente inferior se defender de forma competente e, com um pouco de sorte, marcar um gol ao final da partida e vencê-la. Além disso, o toque com os pés torna o desenvolvimento das jogadas mais lento e menos preciso, ao contrário das modalidades que utilizam as mãos. Esse jogo com os pés leva a muitos erros de passe e finalização que acabam por reforçar o caráter supersticioso, pois é necessária boa dose de sorte para se chegar ao gol adversário.

O fato do árbitro possuir plenos poderes decisórios e, além disso, necessitar correr uma grande dimensão de campo durante 90 minutos acompanhando as ações de 22 jogadores, também contribui para o caráter imprevisível, pois efetivamente ele não conseguirá interpretar corretamente todas as jogadas e, regularmente, cometerá erros. Essa característica do futebol estimula, mais uma vez, o comportamento supersticioso de jogadores, torcidas, técnicos, pois o resultado depende da sorte ou do azar do árbitro ter visto ou não ter conseguido ver determinado lance decisivo que favoreceu uma equipe e prejudicou outra. Enfim, o que estou tentando justificar é que a característica imprevisível do futebol incentiva as explicações de senso comum em termos de sorte/azar, desígnio divino, destino, milagre etc. Esse processo se mantém de maneira circular a partir do mecanismo da crença. Como visto, a crença numa tradição ou num hábito se auto-confirma devido a sua eficácia simbólica, e o mecanismo se perpetua.

O pensamento mítico, religioso ou supersticioso é próprio do senso comum. Entretanto, o pensamento de senso comum não deve ser tomado preconceituosamente como característica menor do ser humano, ou como expressão de pessoas atrasadas ou que não tiveram acesso ao conhecimento

científico. Clifford Geertz (1997) prefere discutir o pensamento de senso comum como um sistema cultural historicamente construído. Afirma ele:

Se o bom senso é uma interpretação da realidade imediata, uma espécie de polimento desta realidade, como o mito, a pintura, a epistemologia, ou outras coisas semelhantes, então, como essas outras áreas, será também construído historicamente, e, portanto, sujeito a padrões de juízo historicamente definidos. (p.115-116).

Não se trata de verificar se as ações oriundas do pensamento de senso comum são explicadas cientificamente ou não. Fazer isso implicaria secundarizar aquelas em detrimento de explicações tidas como mais corretas, negando a estrutura de pensamento que muitas pessoas no mundo utilizam há séculos. Além disso, a ciência seria alçada à condição superiora em relação à dinâmica cultural específica de cada sociedade. Ora, a ciência também é uma construção da humanidade e bastante recente se se considerar que os seres humanos, desde seu surgimento há milhões de anos, interpretam a realidade de diferentes formas.

O senso comum nada mais é do que a forma como cada pessoa, disposta em uma dada dinâmica sociocultural, lida com as manifestações do mundo e procura sentido para nele se orientar. As justificativas de senso comum provêm diretamente da experiência de vida que todos os seres humanos possuem. São explicações baseadas em fatos que ocorreram, em hábitos que vêm dando certo, em experiências dos ancestrais, enfim, em explicações que não carecem de comprovação, pelo menos para quem as manifesta.

Afirma Geertz (1997):

A religião baseia seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral; os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é sua autoridade. (p.114)

Considerando o senso comum como um sistema cultural que de alguma forma está presente em todas as sociedades, Geertz constata cinco

características ou propriedades que podem explicar a dinâmica de funcionamento do pensamento de senso comum, todas elas muito relacionadas entre si e que acabam se confundindo umas nas outras. São elas: a naturalidade, a praticabilidade, a leveza, a não-metodicidade e a acessibilidade.

A primeira dessas características – a *naturalidade* – diz respeito ao fato de que o senso comum considera determinados acontecimentos como partes de uma natureza dada e tradicional. As coisas e os fatos são explicados como óbvios, porque fazem parte de sua natureza ser como são. Geertz cita como exemplo dessa característica do senso comum o fato de que para os aborígenes australianos uma colina rochosa ou até mesmo uma pedra podem ser consideradas um antepassado cristalizado, como se ele não tivesse morrido, mas apenas parado de se movimentar. Faz parte da dinâmica desse povo acreditar que essas coisas são assim naturalmente, não porque sejam primitivos, atrasados ou menos humanos, mas porque sempre viram o mundo em que vivem dessa forma. Compreende-se a resistência que determinados acontecimentos frutos de avanços científicos causam em grandes segmentos da população. Como convencer as pessoas de que a Terra não é o centro do universo se diariamente vemos o sol se levantar e se pôr fazendo uma grande circunferência ao seu redor? Muitas pessoas até hoje duvidam que o ser humano chegou à lua, pois não é da natureza do ser humano invadir satélites, ou não é da natureza da lua ser invadida por humanos curiosos. De fato, utiliza-se com frequência o termo “natural” quando se quer afirmar determinada crença ou hábito. Claro que se pode – e muitas vezes se deve – negar a natureza das coisas, mas, sem dúvida, é mais fácil afirmar as coisas do mundo pela sua natureza.

A segunda característica que Geertz apresenta no pensamento de senso comum é a *praticabilidade*, ou seja, a busca que os indivíduos empreendem no sentido de que as suas ações tenham um fim prático, que resultem naquilo que eles esperavam alcançar. Geertz alerta que essa característica pode ser interpretada erroneamente se se considerar apenas o sentido pragmático ou de utilidade de um ato. O autor cita algumas tribos das Filipinas que conseguem distinguir mais de seiscentos tipos de plantas, a maioria das quais não são nem

utilizadas, nem utilizáveis, e algumas delas só são encontradas raramente. Ou tribos de índios americanos que possuíam uma taxonomia elaborada de espécies de répteis que eles não comiam nem vendiam. Há que se perguntar o porque dessa classificação se isso não lhes trazia qualquer vantagem prática. Da mesma forma, se quisermos considerar somente o sentido utilitário das ações humanas, poderíamos questionar grande parte dos comportamentos das pessoas atualmente. Para que serve grande parte dos passatempos como uma coleção de selos ou de moedas, ou para que serve a arte, ou para que serve a leitura? Claro que a ciência psicológica – aliás, mais recente do que muitas práticas que ela tenta explicar – pode fazer grandes elocubrações a respeito dos benefícios cognitivos ou emocionais de um passatempo ou de uma catarse provocada pela expressão artística. A praticabilidade de que fala Geertz inclui o interesse e o prazer intelectual de um dado grupo ou uma dada população ou tribo em conhecer e expressar um certo conhecimento, independentemente se ele é prático ou não ou terá vantagens imediatas ou não. Segundo Geertz, *“A ‘praticabilidade’ do senso comum, e também sua ‘naturalidade’ são qualidades que o próprio bom senso outorga aos objetos e não que os objetos outorgam ao bom senso”* (1997, p.134).

A terceira característica que Geertz atribui ao senso comum é a *leveza*, que, segundo o autor, também pode ser expressa como “simplicidade” ou “literalidade” e está claramente relacionada às outras duas características discutidas. Segundo Geertz, *“trata-se daquela vocação que o bom senso tem para ver e apresentar este ou aquele assunto como se fossem exatamente o que parecem ser, nem mais nem menos”* (1997, p.135). O mesmo autor lembra de sua resistência em aceitar o relato de uma família javanesa que dizia que o filho tinha caído da árvore e quebrado a perna porque seu avô, já falecido, o tinha puxado, consequência do esquecimento da família em cumprir uma obrigação ritual devida a este avô. Para esta família e para o próprio garoto, esta explicação era absolutamente óbvia e concedia ao fato e às suas consequências leveza e simplicidade, daí o nome da característica sugerida por Geertz. No futebol, uma derrota pode ser compreendida e melhor aceita pelo fato de algum torcedor não

ter realizado algum ato de fé, como uma oração, ou pelo fato do jogo ter sido realizado numa data não propícia.

A quarta característica apresentada por Geertz para explicar o pensamento de senso comum é a *não-metodicidade*, segundo a qual, não se deve esperar do pensamento de senso comum a explicação metódica para as ações humanas em termos de teorias, doutrinas formais, axiomas, fórmulas ou preceitos científicos. O pensamento de senso comum é melhor expresso em piadas, provérbios populares, relatos tradicionais, lendas, lembranças, numa lógica que não está comprometida com a consistência do pensamento racional científico e nem exige comprovação. Esses provérbios, estórias e frases compõem aquilo que se chama de sabedoria popular, um conjunto de crenças que perpetua determinadas formas de viver e de explicar o mundo. No futebol, pode-se observar essa não-metodicidade em jargões que são tomados como verdadeiros pelos torcedores, jogadores e até técnicos. “Não se deve entrar num jogo – nem em qualquer situação da vida – de salto alto”. Ou, “o jogo só acaba após o apito final”. Ou ainda, “o futebol é uma caixinha de surpresa”. Essas frases são utilizadas pela comunidade que acompanha o futebol para situações do jogo e da vida e são, de alguma forma, irrefutáveis, justamente pelo seu caráter óbvio, verdadeiro e não-metódico. De fato, recomenda-se que o adversário não deve ser subestimado, ou que não se deixe de lutar até que o jogo realmente acabe, ou que o futebol – e a vida – está repleto de situações imprevisíveis.

A quinta e última característica do pensamento de senso comum apontada por Geertz é a *acessibilidade*, que, para o autor, surge como consequência lógica de todas as outras. O pensamento de senso comum mostra-se acessível e apreensível a todas as pessoas, não exigindo qualquer especialização, estudo ou poder além da experiência de vida e da disposição em utilizar suas conclusões. Segundo Geertz, “*Sendo comum, o bom senso está aberto para todos; é propriedade geral de, pelo menos – como diríamos – todos os cidadãos estáveis*” (1997, 138). Em outras palavras, as pessoas, ao apreenderem conclusões de uso comum, passam a adotá-las em suas vidas, reproduzindo-as.

Essa discussão empreendida por Geertz sobre o senso comum tomando-o como um sistema de pensamento culturalmente construído permite a consideração das manifestações populares de forma a evitar preconceitos. Geertz recusa a proposta de sistematizar o conteúdo de senso comum em todo o mundo; também se nega a esboçar algum tipo de estrutura lógica em todos os lugares e em todas as épocas; muito menos propõe-se a elaborar um sumário de conclusões do pensamento do senso comum.

Para o estudo do futebol brasileiro, que se constitui em uma das principais manifestações culturais da nossa sociedade, essa análise do pensamento de senso comum é importante pois permite a compreensão do funcionamento dessa tradição sem preconceitos e sem cientificismos que neguem as formas de expressão da cultura popular. Isso talvez explique o fato dos comportamentos supersticiosos persistirem no futebol brasileiro ao longo dos anos, mesmo com todo avanço científico das Ciências do Esporte.

Não há porque negar, subestimar ou se envergonhar da presença da superstição no futebol brasileiro. Sanear o futebol, como propõem alguns, extirpando suas manifestações populares tradicionais em busca de uma modernidade universalizante, poderia torná-lo muito racional, culminando com o seu fim. Teríamos uma outra modalidade esportiva, mas não o futebol como o reconhecemos e com o qual convivemos há mais de cem anos. Nessas e em outras discussões há que se buscar a conciliação entre razão e emoção, ciência e crença, modernidade e tradição. Ou, para utilizar um sábio provérbio de senso comum, “nem tanto ao mar, nem tanto à terra”.

Referências Bibliográficas

- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo C. R. (org.) Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP& A, 2000
- DAOLIO, Jocimar; ZOPPI, Cláudio C. Dente de alho, galho de aruda...crenças e superstições no futebol brasileiro. Anais do Simpósio Esporte: Dimensões

- Sociológicas e Políticas. Escola de Educação Física da USP, p.139-142, 1993.
- DAMATTA, Roberto (org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: Revista USP – Dossiê Futebol, N. 22, p.10-17, 1994.
- DURHAM, Eunice R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Ensaio de Opinião, Vol 4, pp.32-35, 1977.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos S.B.; WITTER, José Sebastião (orgs.) Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo, EPU/Edusp, 1974, 2v.
- ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, José Carlos S.B.; WITTER, José Sebastião (orgs.) Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.
- VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.) Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- WITTER, José Sebastião. Futebol... futebol. In: MEIHY, José Carlos S.B.; WITTER, José Sebastião (orgs.) Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.